

INSTITUTO DE ESTUDOS GEOGRÁFICOS
FACULDADE DE LETRAS — UNIVERSIDADE DE COIMBRA



Cadernos de Geografia

A POPULAÇÃO PORTUGUESA DOS ANOS 60
AO FINAL DO SÉCULO XX¹

— O ENVELHECIMENTO ACELERADO —

FERNANDA DELGADO CRAVIDÃO

MÁRIO ANTUNES DE MATOS

RESUMO

O envelhecimento da população está longe de ser um fenómeno novo. Após a transição demográfica conhece alguma aceleração nos países que mais cedo atingiram baixos valores nas taxas de fecundidade e mortalidade. Portugal não fica alheio a este processo, embora seja a partir dos anos 60 que a importância dos idosos assume um significado cada vez maior. Este facto não deixa de se reflectir em múltiplos aspectos da vida nacional entre os quais se salientam: diminuição da população escolar, agravamento das taxas de dependência, aumento dos custos sociais, aumento do consumo e a importância, que em termos eleitorais, os idosos podem vir a assumir.

RÉSUMÉ

Le vieillissement de la population est loin d'être un phénomène nouveau. Après la transition démographique il connaît une accélération dans les pays que plus tôt en ont les valeurs plus bas dans le taux de fécondité et dans le taux de mortalité. Portugal n'a pas été étranger à ce procès, quoique c'est à

¹ Este texto tem por base a comunicação apresentada nas 1.ªs Jornadas de Geografia Humana realizadas entre 18 e 20 de Abril de 1989 na F.L.U.C. Cumpre-nos agradecer aos alunos do 1.º ano, ano lectivo de 1988/89, das cadeiras de Geografia da População e Elementos de Geografia Humana que desinteressadamente recolheram, trataram e cartografaram parte da informação que se utilizou nesta comunicação.

partir de la década de 60 que l'importance des personnes âgées est de plus en plus fort. Ce fait se réfléchit en différents aspects de la vie national, parmi lesquels se mette en évidence: diminution de la population scolaire, aggravement de le taux de dépendance, augmentation des cots sociaux, augmentation de la consommation et l'importance que dans les élections les personnes âgées pourront prendre.

SUMMARY

The aging of the population is not a new phenomenon.

After the demographic transition it knows some acceleration in the countries which sooner obtained low rates in fertility and mortality. Portugal is no exception in this process, although it is only following the 60's that the importance of the elderly is given a bigger meaning. This fact does not fail to reflect upon national life, in multiple aspects such as: diminishing of the school population, aggravation of dependency rates, rise in social costs, consumption increase and the importance that the elderly may take on, in electoral terms.

1. INTRODUÇÃO

A estrutura da população portuguesa regista a partir dos anos 60, profundas modificações que decorrem, no essencial, de fenómenos como a mobilidade espacial, quer interna quer com destino ao estrangeiro, da diminuição da taxa de fecundidade, da diminuição da taxa de mortalidade, nomeadamente infantil, do aumento da esperança de vida e do progressivo envelhecimento demográfico. No país, o total de população era em 1960, de 8 889 392 indivíduos, em 1970 de 86 111 110 (— 3,1%), em 1981 registava 9 833 014 (+ 14,2%) e em 1987 cifrava-se em 10 270 000 habitantes equivalendo, por isso, a um acréscimo de 4,4%². De salientar que no território continental a variação foi diferente: entre 1960 e 1970 diminui 2,6%, entre 1970 e 1981 tem um acréscimo de 15,6% e no intervalo de tempo decorrido entre 1981 e 1987 apresenta em termos percentuais, o mesmo valor que o registado no país: 4,4%.

Na dinâmica interna operam-se também alterações significativas. Por exemplo, no Continente, a participação do grupo etário compreendido entre os 0-19 anos regista um decréscimo de 4,4% entre 1960 e 1970, um aumento de 7,4% entre 1970 e 1981 e diminui novamente até 1987 (— 6,9%).

² Os dados relativos a 1987 constam das *Estimativas de População Residente em 31 de Dezembro de 1987, Série Estimativas Provisórias*, n.º 9, I. N. E. Lisboa.

A população abrangida pelo leque etário dos 19 aos 64 anos evolui de acordo com os seguintes valores: entre 1960 e 1970, — 4,4%, entre 1970 e 1981 + 17,4% e de 1981 a 1987 o acréscimo situa-se em + 9,4%. O ritmo de crescimento observado no quantitativo de indivíduos com 65 e mais anos indica o progressivo envelhecimento da população portuguesa. De 1960 a 1970 este grupo etário regista mais 17,6%, entre 1970 e 1981 aumenta 36,1% enquanto de 1981 a 1987 apresenta um crescimento de 13,6%. Chama-se a atenção para este valor, pois apenas corresponde a pouco mais de metade de um período intercensitário o que pode indicar que no final deste, o acréscimo deverá manter-se ao nível do verificado entre 1970 e 1981, de acordo, de resto, com a dinâmica observada em outros países nomeadamente os da Comunidade Económica Europeia.

Além disso, operam-se também relevantes modificações na estrutura da população activa. O sector primário, que em 1960 absorvia 43,9% dos activos, decresce em 1970 para 32,8% e em 1981 regista 19,2% da população com actividade económica. O sector secundário apresenta, também, modificações importantes: em 1960, 1970 e 1981 passa respectivamente de 29,1% para 33,4 e 39%. Quanto ao sector terciário o seu crescimento está bem evidenciado na evolução observada: 1960 com 27%, em 1970 com 33,9% do total de população activa e em 1981 passa para 41,9%, registando-se, por isso, um acentuado acréscimo entre a década de 60 e o início dos anos 80 (+55,2%).

2. A POPULAÇÃO PORTUGUESA DOS ANOS 60 AO FINAL DO SÉCULO — ANÁLISE DISTRITAL

Com a excepção da década de 60 a população portuguesa tem apresentado uma evolução positiva embora com variações no ritmo de crescimento.

Segundo o *Recenseamento* de 1960, no Continente, a população residente era de 8 292 975; em 1970 cifrou-se em 8 074 960 (menos 218 015, isto é — 2,6%); no ano de 1981 o total de indivíduos a residir em Portugal Continental era de 9 336 760, isto é, um crescimento de 1 261 800 (+ 15,6%). Segundo as *Estimativas de População* publicadas pelo I.N.E., em 1987, o total do Continente situava-se em 9 744 400, correspondendo, como já se referiu, a um acréscimo de 407 640 indivíduos (+4,4%). A evolução recente indica que o ritmo de crescimento, não apresentará, nos próximos anos grandes alterações. Este facto levará o efectivo populacional a cifrar-se em cerca de 10 320 000 em 1991 e 10 540 000 no final do século (cfr. L. Caetano

e F. Cravidão, 1987): (Fig. 1). No entanto, na dinâmica interna da população continuarão a opera-se e acentuar-se algumas das modificações já iniciadas.

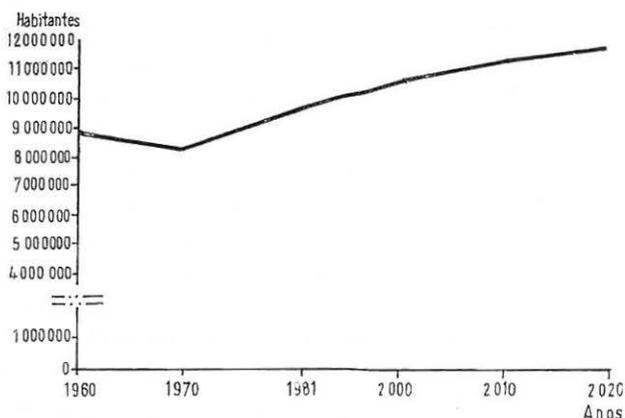


FIG. 1 — Evolução da População em Portugal de 1960 a 2020.

Fontes: *Recenseamentos da População* [...], anos de 1960, 1970 e 1981 e L. Caetano e F. Cravidão (1987).

2.1. A Evolução espacial entre 1960-1987

Entre 1960 e 1987 a distribuição da população portuguesa, no Continente, por distritos, revela acentuadas disparidades, corroborando, de resto, as assimetrias de desenvolvimento que se têm verificado (Fig. 2). Assim, são apenas os distritos do *litoral* que apresentam crescimento positivo. O maior acréscimo situa-se em Setúbal, 106,7% e corresponde a um crescimento anual de 3,8%. O distrito de Lisboa, embora já bastante distanciado daquele, regista entre 1960 e 1987 um aumento de 53,8%, isto é, cresce anualmente 1,9%. Os distritos do Porto, Braga e Aveiro respectivamente com 40,5%, 29,2% e 26,8% têm um crescimento médio anual de 1,44%, 1,04% e 0,95%. Com valores inferiores, mas ainda positivos, seguem-se os distritos de Faro (8,3%), Leiria (7,7%), Viana do Castelo (4,1%) e Coimbra (2,8%), a que corresponde a evolução média anual de 0,3%, 0,27%, 0,14% e 0,1%. Acrescente-se, que no mesmo período, no Continente, a população aumentou 17,5% ou seja 0,62% anualmente. Além disso entre 1960-87 apenas os distritos de Aveiro, Braga, Lisboa, Porto e Setúbal têm registado uma evolução positiva, já que as restantes áreas distritais apresentaram perdas de população na década de 60.

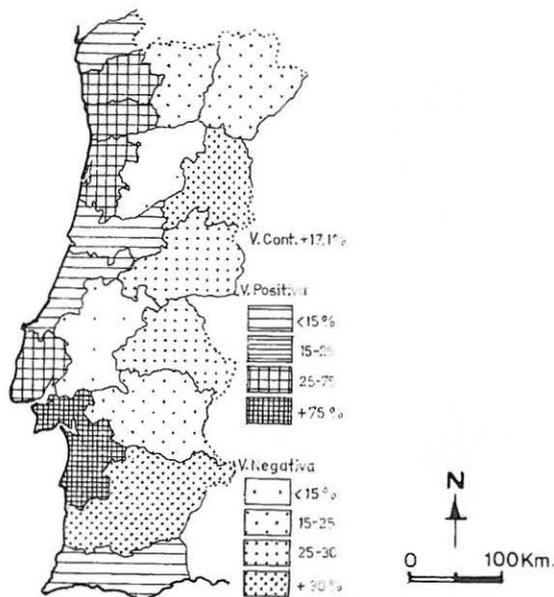


FIG. 2 — Variação da População no Continente, por distrito, 1960-1987 (%).

Fonte: *Recenseamentos da População [...]* e *Estimativas de População Residente, [...]* 1987, I.N.E.

Nos distritos de Beja, Guarda, Castelo Branco, Portalegre, Bragança, Évora, Vila Real, Viseu e Santarém a evolução da população apresenta um crescimento médio negativo de 21,7%, registando-se contudo, algumas diferenças espaciais. De salientar o distrito de Beja que apresenta o maior decréscimo ($-35,0\%$). Seguem-se a Guarda ($-30,1\%$), Castelo Branco ($-29,3\%$) e Portalegre com -27% . Próximo do valor médio situam-se as áreas distritais de Bragança ($-20,8\%$), Évora ($-20,7\%$) e Vila Real ($-19,1\%$); com perdas menos acentuadas Viseu e Santarém, embora o primeiro com $-12,3\%$ tenha perdido mais população que o segundo ($-0,2\%$).

2.1.1. A população entre 1981-1987

Segundo os últimos dados publicados pelo I. N. E. (1988), o crescimento demográfico operado, no Continente, entre 1981 e 1987 foi de $+4,4\%$. A análise distrital continua a revelar grandes disparidades (Fig. 3). Os distritos de Beja, Castelo Branco, Évora, Guarda, Portalegre, Vila Real e Viseu

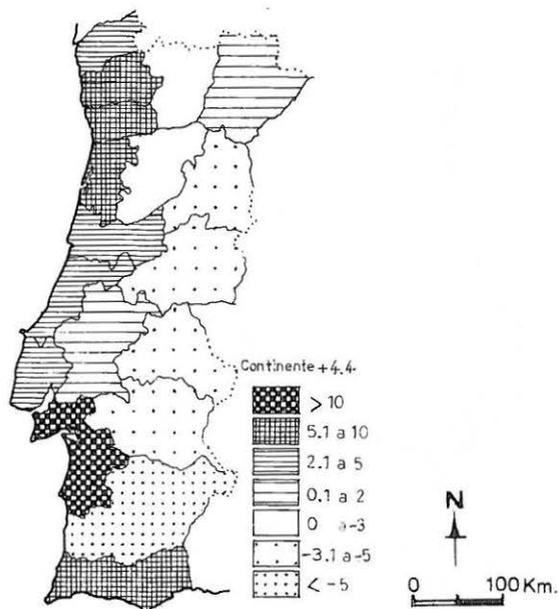


FIG. 3 — Variação da População no Continente, por distrito 1981-1987 (%).

apresentam um crescimento negativo. Nestes salienta-se Beja em que a diminuição de população foi próxima de 6%.

Nas áreas distritais que registaram crescimento positivo (Aveiro, Braga, Bragança, Coimbra, Faro, Leiria, Lisboa, Porto, Santarém, Setúbal e Viana do Castelo) deve notar-se que o acréscimo expressa uma grande disparidade. Assim, enquanto Bragança aumenta apenas de 0,2%, Setúbal cresce 18,4%, sendo, simultaneamente, a área que, em termos demográficos, regista o maior crescimento ⁴.

Em síntese, a evolução recente continua a salientar o predomínio do *litoral* relativamente às áreas do *interior*, já que em termos médios o litoral português tem um crescimento positivo, enquanto os distritos do interior, registam uma variação negativa.

⁴ Note-se que o crescimento operado neste distrito apresenta fracas disparidades a nível concelhio, já que a variação é a seguinte: Alcácer do Sal 18,5%, Alcochete 18,2%, Almada 18,4%, Barreiro 18,5%, Grândola 18,4%, Moita, Montijo e Palmela 18,3%, Santiago do Cacém 18,5%, Seixal 18,4%, Sesimbra 18,6%, Setúbal e Sines 18,4%.

3. A DINÂMICA INTERNA DA POPULAÇÃO

À semelhança, entre outros, dos países da Comunidade Económica Europeia, Portugal apresenta, também, uma quebra acentuada nas taxas de natalidade, de fecundidade e de mortalidade⁵. Desta dinâmica, associada a outros fenómenos, como a mobilidade espacial da população, a melhoria generalizada do nível de vida, decorre um conjunto de situações que têm acelerado o processo de envelhecimento da população portuguesa.

3.1. *As taxas de natalidade⁶ e mortalidade*

As informações oficiais, relativas à última década, mostram uma clara diminuição das taxas de natalidade e mortalidade (Fig. 4). Assim, enquanto em 1980, o número de nados-vivos por cada mil indivíduos era de 16,2, em 1988 cifra-se, apenas, em 12^o/100 correspondendo a um decréscimo ligeiramente superior a 25%. O confronto com a evolução operada em alguns países da CEE mostra que, exceptuando a Irlanda com o mais elevado valor da Comunidade, respectivamente 22^o/100 e 19^o/100 em 1980 e 1985, e a Grécia cujo valor variou de 16^o/100 para 12^o/100, a dinâmica registada em Portugal evidencia

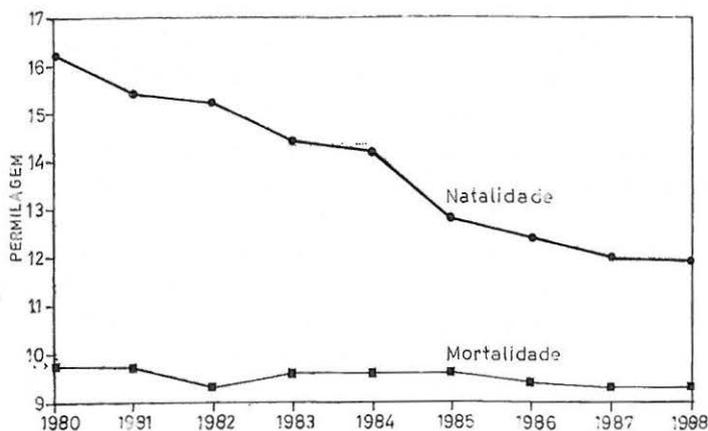


FIG. 4 — Evolução da taxa de natalidade e da taxa de mortalidade, em Portugal, entre 1980 e 1988.

Fonte: Adaptado de *Estimativas de População Residente [...]*, I. N. E. 1988 e *Estatísticas Demográficas*, I. N. E., 1988.

⁵ Taxa de mortalidade — É a relação entre o número de óbitos verificados num determinado período de tempo e a população média observada nesse período, por mil indivíduos.

⁶ Taxa de natalidade — É a relação entre o número de nados-vivos verificados num determinado período de tempo e a população média observada nesse período, por mil indivíduos.

uma quebra mais acentuada, situando-se actualmente, quase ao nível dos países que apresentam o valor mais baixo.

A taxa de mortalidade apresenta uma diminuição menos significativa. Entre 1980 e 1988 passa de 9,7‰ para 9,3‰ (-4,1%), valores que se encontram muito próximos dos observados na maioria dos países da C.E.E. já que apenas a Espanha e a Holanda apresentam índices inferiores a 9‰.

De notar que em Portugal, a diminuição da mortalidade é em parte devida ao importante decréscimo verificado na taxa de mortalidade infantil. Em 1980 era igual a 24‰ enquanto em 1988 se situa em 12,8‰, isto é, teve uma diminuição de 46,7%. Cabe entretanto referir que no ano de 1973 a taxa de mortalidade infantil situava-se em 44,8‰, o que significa que até 1987 diminuiu 71,4%.

3.2. *A Taxa de Fecundidade* ⁷

À semelhança da taxa de natalidade também a fecundidade tem vindo a diminuir em Portugal acompanhando a evolução operada em quase todos os países Europeus. Salienta-se, mais uma vez, a Irlanda que em 1980 e 1985 tinha as taxas de fecundidade mais elevadas, respectivamente 90,4‰ e 85,5‰. Pelo contrário a Dinamarca apresenta, para os mesmos anos, os valores mais baixos, respectivamente 44,4‰ e 42,9‰. Em Portugal, as taxas cifram-se em 73,4‰ e 64,0‰. Note-se, que a evolução posterior regista uma quebra mais acentuada já que para o ano de 1986 foi de 54,9‰, em 1987 baixou para 52,5‰ e em 1988 foi de 50,5‰ (Fig. 5).

Deve, realçar-se, que a sua distribuição por grupos etários é bastante diferenciada. Como se compreende, é o grupo que abrange as mulheres com idade entre os 25 e os 29 anos que apresenta uma taxa mais elevada, seguido do grupo dos 20 aos 24 anos. Com valores considerados próximos de uma taxa de fecundidade média situa-se o conjunto de mulheres entre os 30 e 34 anos. Os outros grupos etários, que simultaneamente abrangem as mulheres com idade mais baixa (15-19) e as mulheres com idade compreendida entre 35 e 49 anos, apresentam valores estatisticamente baixos.

3.3. *A Esperança de vida* ⁸

A melhoria generalizada da qualidade de vida que decorre, entre outros factores, do aumento do nível de instrução, da melhoria da dieta alimentar,

⁷ Taxa de fecundidade, taxa bruta de fecundidade ou taxa de fecundidade geral — É a relação entre o número de nados-vivos em determinado período de tempo e o total de mulheres com idade compreendida entre os 15 e os 49 anos por mil mulheres.

⁸ Esperança de vida é um indicador demográfico que permite conhecer, para uma

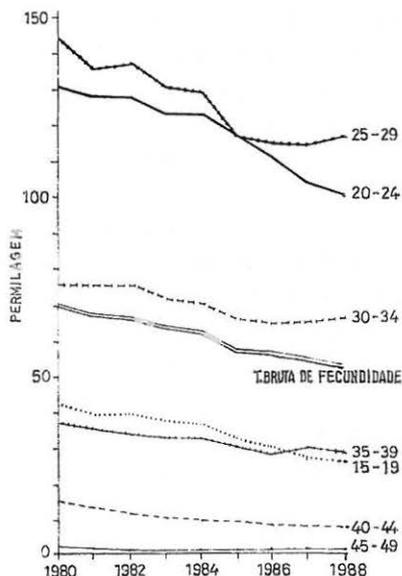


FIG. 5 — Taxa Bruta de Fecundidade e taxas de fecundidade (‰) por classes etárias de 1980-1988.

Fonte: *Estatísticas Demográficas*, I.N.E., 1988.

da implementação de unidades de saúde primárias, do reforço do poder local, tem-se traduzido, nos últimos anos, por um acréscimo acentuado na vida média das populações (Quadro 1).

QUADRO 1 — Evolução da esperança de vida à nascença em Portugal, 1976-1987

Anos	Total (HM)	Homens	Mulheres
1976	69.22	65.38	72.96
1977	70.43	66.42	74.44
1978	70.71	66.95	74.31
1979	71.54	67.72	75.23
1982/1985	72.82	69.32	76.22
1984/1987	73.49	69.97	76.9

Fonte: *Estatísticas Demográficas*, anos de 1976 a 1987, I.N.E., Lisboa.

dada idade, o número médio de anos que restam para viver aos indivíduos dessa idade, com base nos dados de uma tábua de mortalidade.

Em 1976 a população portuguesa vivia, em termos médios, 69, 22 anos. Na Europa apenas na Finlândia, na Roménia e na Jugoslávia a população tinha uma esperança de vida à nascença, ligeiramente inferior a Portugal. Para o mesmo ano, os países europeus em que se verificaram os valores mais elevados foram: a Suécia (75 anos), a Noruega e a Holanda (74 anos).

Note-se, que entre 1976 e 1985, a vida média da população europeia registou um acréscimo de 2,8%, já que passou de 71 para 73 anos. Em Portugal e durante o mesmo período, a variação foi de 5,2% passando de 69.22 para 72.82 anos. Entre 1984 e 1987 a esperança de vida em Portugal continuou a aumentar cifrando-se em 73, 49 anos. A distribuição por sexos mostra, no entanto, que as mulheres vivem em média 76,9 e os homens 69,97 anos.

Esta evolução indica que Portugal, tal como a maior parte dos países europeus, também se insere num processo acelerado de envelhecimento demográfico.

4. ENVELHECIMENTO DA POPULAÇÃO

O envelhecimento da população resulta, no essencial, de dois fenómenos: o aumento dos velhos (envelhecimento no topo) e a diminuição de jovens (envelhecimento na base). Quando, na mesma população, estes dois fenómenos se verificam em simultâneo, diz-se que se verifica um envelhecimento duplo, logo mais acentuado.

Em países menos desenvolvidos, o envelhecimento que se está a operar na população decorre principalmente do aumento da esperança de vida logo do acréscimo do número de velhos. A introdução, entre outras, de medidas médico sanitárias de difusão rápida, tem provocado um acentuado declínio da taxa de mortalidade infantil que assim vai permitir o aumento da vida média à nascença. É evidente que a melhoria da qualidade de vida, que provavelmente se virá a acentuar poderá provocar, ainda que de uma forma lenta, um progressivo aumento do número de idosos e também, uma redução no número de jovens, acelerando-se, deste modo, o envelhecimento generalizado dessas populações.

4.1. *Estrutura Etária, Índice de Envelhecimento e Relação de Substituição*

São vários os indicadores que permitem analisar a envelhecimento demográfico. Nesta análise iremos, apenas, utilizar aqueles que julgamos melhor ilustrar o processo verificado em Portugal Continental.

A análise das pirâmides de idade (Fig. 6) revela que, a partir de 1960, se inicia um processo de envelhecimento duplo. Segundo o X Recenseamento

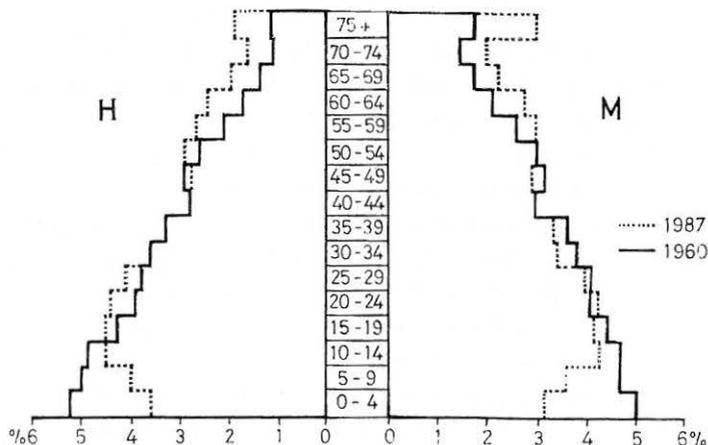


FIG. 6 — Pirâmides etárias do Continente

Fonte: *Recenseamento da População* [...] e *Estimativas de População Residente*, [...] 1988, I. N. E.

da População, no Continente, o total de indivíduos com mais de 60 anos cifrava-se em 982 926 correspondendo a 11,9% do total, enquanto a população com menos de 20 anos representava 37,2% (3 084 676). Em 1970 aqueles grupos etários significavam respectivamente: 14,5% (1 174 310) e 36,5% (2 948 655); em 1981 os *idosos* correspondiam a 16,8% (1 557 747) e os *jovens* representavam 36% (3 368 415). Os valores apurados para 1987 corroboram o fenómeno do envelhecimento duplo, já que a percentagem de jovens diminui (30,3% = 2 949 100) e a percentagem de população idosa aumenta: 17,5% (1 716 100).

Se cotejarmos estes valores com os relativos a países europeus facilmente se conclui, que em termos demográficos, as diferenças não são muito acentuadas. Por exemplo, em 1985, na França, a população com menos de 15 anos representava 22% do total e a população com idade superior a 64 anos cifrava-se em 13%; em Espanha, no mesmo ano, aqueles grupos representavam respectivamente 26% e 11%, valores iguais aos de Portugal. Em 1987 regista-se um maior desequilíbrio: os *jovens* representavam 21,9% e os *velhos* 12,5% do total da população portuguesa a residir no continente.

Numa análise de maior pormenor, por exemplo a nível distrital, verificam-se disparidades relativamente aos valores que representam aqueles grupos etários e que decorrem da conjugação de situações diversas que têm afectado de diferente modo o território nacional.

4.1.1. Índice de Envelhecimento⁹

A evolução do *Índice de Envelhecimento* (Fig. 7) revela, tal como já indicavam as pirâmides de idade, a importância, cada vez maior, dos idosos em Portugal Continental. No ano de 1960 o I.E. foi de 32,5, em 1970 aumentou para 46,1, em 1981 subiu para 55,4 e em 1987 cifrou-se em 58,2. Isto é, entre 1960 e 1987, o *Índice de Envelhecimento* em Portugal aumenta 79,0% o que revela bem, a modificação que se está a operar na estrutura demográfica. Deve, porém, notar-se que este processo apresenta importantes assimetrias espaciais, já que alguns dos factores que o explicam não actuaram do mesmo modo na população portuguesa. Assim, enquanto a mobilidade espacial justifica em grande parte, o facto de o envelhecimento se ter iniciado mais cedo no *interior* que no *litoral*, a melhoria das condições de vida, o aumento do consumo, a diminuição da taxa de fecundidade, o acréscimo da esperança de vida, entre outros, são fenómenos que ajudam a compreender a dinâmica que se está a actualmente a verificar.

4.2.1. Relação de substituição¹⁰

Embora a *Relação de Substituição* apresente um ligeiro acréscimo, (0.14) pois entre 1981 e 1987 passa respectivamente de 1,24 a 1,38 (Quadro 2)

QUADRO 2 — Relação de Substituição no Continente, 1960-1987

Anos	Rel. Subst.
1960	1,48
1970	1,23
1981	1,24
1987	1,38

Fontes: *Recenseamentos da População*, anos de 1960, 1970 e 1981 e *Estimativas de População Residente em 31 Dezembro de 1987*, I.N.E., Lisboa.

⁹ Este indicador (I. E.) relaciona a população residente com 60 e mais anos com a população residente com idade inferior a 20 anos. $I.E. = \frac{\text{Pop. res. 60 e + anos}}{\text{Pop. res. — 20 anos}} \times 100$.

¹⁰ A relação de substituição (R.S.) representa a capacidade que as gerações mais novas têm para substituir as mais velhas. Quando o valor for menor que 1, a renovação não está assegurada. $R.S. = \frac{\text{Pop. res. (15-39) anos.}}{\text{Pop. res. (40-64) anos.}}$

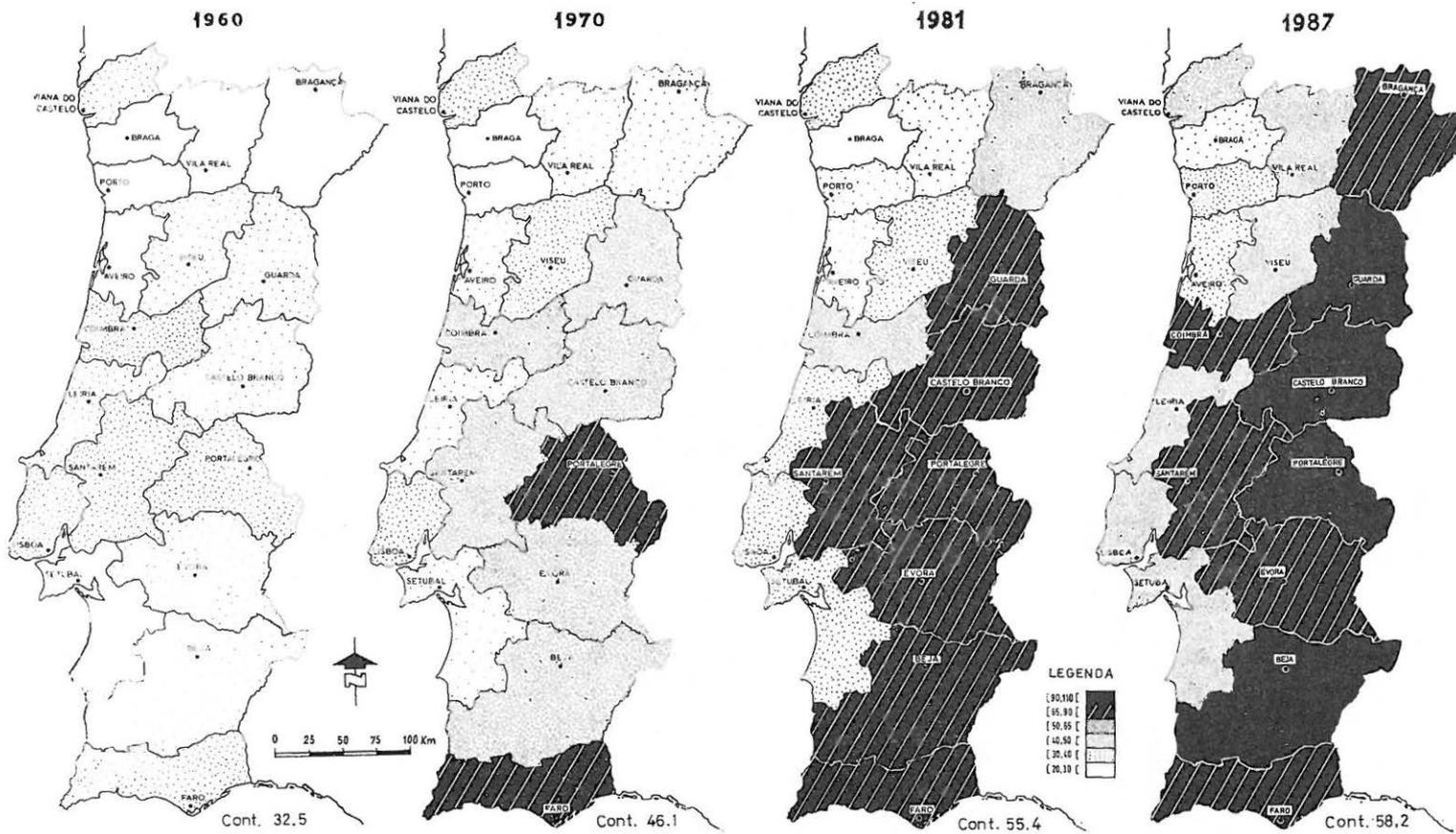


Fig. 7 — Evolução do Índice de Envelhecimento nos Distritos do Continente de 1960 a 1987.
 Fontes: *Recenseamentos da População [...]* e *Estimativas de População [...]* 1988, I.N.E.

indica, pelo seu baixo valor, que a dinâmica da população portuguesa não conseguiu superar o desgaste provocado pela mobilidade espacial dos anos 60. A corroborar esta ideia registre-se que o valor mais baixo, 1,23, refere-se ao ano de 1970. O pequeno aumento registado em 1981, (+ 0,01), deverá ser explicado quer pelo regresso de população das ex-colónias quer pelo movimento de retorno de emigrantes. De realçar que o valor relativo a 1987 (1,38) é inferior ao verificado nos anos sessenta (1,48).

Todos os valores apresentados recentemente pela *Relação de Substituição* situam-se entre 1 e 1,48 o que significa também, que a não haver nos próximos anos, alteração na estrutura da população esta caminhará para o envelhecimento cada vez mais acentuado.

5. CONCLUSÃO

Desta breve análise pode concluir-se que a evolução da população portuguesa se situa próxima do processo já iniciado em alguns países europeus.

As modificações operadas na estrutura demográfica em Portugal, apontam para que se registre um progressivo envelhecimento, que se tornará mais acentuado quer pelo aumento de idosos quer pela diminuição do número de jovens. Esta situação não deixará de se reflectir em múltiplos aspectos da vida nacional entre os quais se devem salientar: abrandamento no ritmo de crescimento demográfico, diminuição da população escolar, agravamento das taxas de dependência, maiores custos sociais, necessidade de implementar centros de ocupação de tempos livres, aumento do consumo, expansão das actividades turísticas especialmente vocacionadas para a terceira idade e a importância que, em termos eleitorais, os idosos podem vir a assumir.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CAETANO, Lucília e CRAVIDÃO, Fernanda Delgado — 1987 — «Projeções de População: População Escolar e População Activa — Portugal (1981-2025)» em *Cadernos de Geografia* n.º 6, Coimbra, pp. 15-41.
- Estatísticas Demográficas* — 1988 — I.N.E., Lisboa.
- Estimativas de População Residente em 31/XII/1987* — 1988 — I.N.E., Lisboa.
- GASPAR, Jorge — 1987 — *Portugal. Os próximos 20 anos. Ocupação e Organização do Espaço — Retrospectiva e Tendências*. Fundação Calouste Gulbenkian, I vol., Lisboa.
- NOIN, Daniel — 1979 — *Geographie de la Population*, Paris.
- PRESSAT, Roland — 1972 — *Démographie Statistique*, PUF., Paris.
- Recenseamentos da População*, anos de 1960, 1970 e 1981, I.N.E., Lisboa.